

## MARXISMO, EDUCAÇÃO E ENSINO: UM OLHAR PARA A ESCOLA COMO FORMADORA DE INDIVÍDUOS EMANCIPADOS

Maria Cláudia Coutinho Henrique; Roberta Xavier Montenegro Bezerra; Kalligiana Araújo de Farias; Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira.

*Universidade Estadual da Paraíba – UEPB - claudiahcoutinho@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba – UEPB - robertamontenegroseguros@hotmail.com; Universidade Federal de Campina Grande – UFCG - Kaligiana\_filo@hotmail.com; Universidade Estadual da Paraíba – UEPB - provalmir@gmail.com*

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo desenvolver uma relação entre a concepção de indivíduo para Karl Marx e quais as implicações de tal concepção para seus escritos sobre educação. Alguns estudiosos das obras de Marx afirmam que não há, para o filósofo, espaço para a categoria indivíduo em suas obras, porém, baseados em leituras não só dos textos do autor alemão, mas também de pensadores marxistas, observamos que não só há espaço para tal categoria, mas há, por parte de Marx uma grande preocupação na formação desse indivíduo enquanto “ser humano”. A instituição escolar, vem se modificando através do tempo e não escapa das críticas de pensadores marxistas bem como do próprio Marx. A escola é vista, para esses autores como uma forma de reprodução do modo de vida da burguesia que é, afinal, quem domina os meios de produção, não só materiais, mas também intelectuais uma vez que, determina o que se ensina nessa instituição. Porém, pode-se pensar numa escola voltada para a formação integral do indivíduo como defende Gramsci, que não nega o caráter reprodutor da escola, mas vê nela um meio pelo qual as classes subalternas sairiam de sua condição de oprimidas e passariam a governantes. A educação se dá no âmbito das relações sociais e, portanto, em todos os lugares, não só na escola. O trabalhador, é, o foco dos escritos de Marx sobre educação e ensino, desse modo é impossível separar a formação do trabalhador da formação do cidadão, pois estes são um. Nesse sentido, buscamos demonstrar que, a preocupação de Marx bem como de outros autores que seguem seu pensamento, é de que o homem se torne emancipado em todos os aspectos de suas vidas. Para tanto buscamos demonstrar que, a mudanças na educação fazem parte do processo de desenvolvimento das sociedades e que, é possível fazer com que, esta seja a ferramenta pela qual, os indivíduos possam transformar a sociedade burguesa capitalista pautada no egoísmo e na exploração do mais fraco, em uma sociedade igualitária, de indivíduos conscientes de si, emancipados e com condições de lutar por um mundo melhor.

Palavras-chave: Marxismo. Educação e Ensino. Indivíduo.

## INTRODUÇÃO

A educação vem sendo debatida em todas as sociedades no decorrer de toda a história. Desde a antiguidade, já existe, por parte de filósofos e educadores, uma preocupação com a educação, seja ela institucionalizada ou não. Nessas discussões surgem sempre questionamentos de como educar, de como desenvolver um sistema educacional eficiente e que supra as necessidades das sociedades em determinado momentos históricos. Existe também uma preocupação com a figura do educador, desde o mundo antigo que põe como figura central um educador espiritualizado e completamente ligado a vida ativa do indivíduo, reconhecendo-lhes atributos e finalidades que vão além daqueles que são peculiares do “mestre-docente”. Aspecto que posteriormente (mas já a partir de Platão) se constituirá próprio ainda dos pedagogos, dos filósofos educadores e dos pensadores da educação que devem clarear não só os processos, mas os fins do ato de educar Cambi (1999, p. 49).

Como tudo que diz respeito ao homem, a educação se modificou, evoluiu e regrediu durante a história, desse modo, não é nenhuma novidade acontecerem encontros, seminários, congressos e fóruns para se discutir o processo educativo, tanto em âmbitos acadêmicos como na dimensão político-social em todos os lugares do mundo. Geralmente, quando se discute políticas educacionais, visa-se “melhorias” nas sociedades como um todo.

O processo educativo visa desenvolver uma imagem ideal de homem, esse desenvolvimento implica na assimilação e apropriação de bens culturais da coletividade. A educação que recebemos tem por objetivo nos enquadrar às perspectivas do meio social em que vivemos. Cada geração transmite, através da educação, seus valores, sua moral e seus costumes. A instituição Escola(r) sofreu inúmeras mudanças desde seu surgimento. Nos países industrializados e socialmente mais desenvolvidos, assinalou-se por uma organização cada vez mais aberta centralizando seu papel social. Desse modo, tais instituições, tornaram-se cada vez mais capazes de estar em harmonia com as transformações das sociedades através da prática de reformas, ainda que estas aparentemente se coloquem a reboque das pressões políticas e as vezes pareçam pouco orgânicas.

A primeira metade do século XIX foi marcada pelo estabelecimento e solidificação de um modelo de produção, o capitalismo, e uma constituição social, a burguesia, que vai encontrar não só críticas circunstanciais, mas profundas alterações globais. A falta de atenção às indigências sociais no campo educacional e do ensino, que é intrínseca aos primeiros anos do capitalismo, juntamente com as péssimas e insalubres

condições de trabalho da população operária, agravadas ainda com o trabalho infantil e feminino, põem o ensino e a educação em destaque para alguns estudiosos.

Desde 1945 até os dias de hoje, em vários países, a escola se caracterizou, segundo Cambi (1999, p. 625), por vários pontos, quais sejam “1. Pelo seu crescimento no sentido social; 2. pelo seu papel no desenvolvimento econômico; 3. Pela função exercida na ordem democrática; 4. pelas fortes tensões reformadoras...” A escola se colocou em torno dessas problemáticas estruturais se modificando e se reestabelecendo em torno delas, muito embora, algumas vezes o tenha feito com vistas a um retorno à ordem de condutas conservadoras e impulsos neoliberais. O desenvolvimento social da escola, se deu através da alfabetização de massa, da promoção da obrigatoriedade escolar e da adoção de um papel de mobilidade social.

Foi só no segundo pós-guerra que as massas em quase toda a Europa tiveram acesso concreto à escola até a pré-adolescência, assimilando comportamentos cognitivos, informações e habilidades que as introduziram a pleno título na história e vida dos vários países, tornando-as sujeitos também politicamente mais ativos e responsáveis. (CAMBI, 1999, p. 626)

Assim, o povo tornou-se protagonista social elevando-se no que diz respeito a cidadania, pois, a escolarização promove uma ascensão social numa sociedade que desenvolveu um mercado de trabalho cada vez mais articulado e em crescimento. Em sociedades democráticas e industrializadas, as competências profissionais, supostamente, são favoráveis a uma transição entre os grupos e até mesmo entre classes sociais, o que pode, de certa forma, atuar como criador de mudanças intensas do poder social. Desse modo, pode-se desenhar o papel da escola no desenvolvimento socioeconômico nessas sociedades onde a mão de obra deve ser aculturada, de modo a poder operar máquinas e organizar o trabalho de forma cada vez mais alienada.

O papel da escola, nesse sentido, era de se tornar cada vez mais profissionalizante, tendo o poder de desenvolver especialistas para os diversos campos da produção. Desse modo, viu-se na obrigatoriedade da alfabetização um modo pelo qual as indústrias e a economia teriam a melhoria da força de trabalho garantida de adequação para as novas formas de produzir. A escola tem, portanto, dois direcionamentos, um dele é difundir a cultura “desinteressada”, com intensão de formar e desenvolver a inteligência dos indivíduos; o outro, é, em grande parte, formar profissionais para o mercado de trabalho.

Essas duas instâncias são conflitantes, e alimentaram debates sobre o papel da escola frente a educação dos indivíduos. Alguns autores afirmam que a escola é, parte imprescindível para a reprodução do modo de vida implantado pelo

sistema capitalista. O filósofo italiano Antonio Gramsci (1891- 1937), afirma algo diferente, ele nos mostra que a escola pode ser, um meio de transformação. Desse modo a função da escola

pode ser, em certa medida, transformadora, sempre que possa proporcionar as classes subalternas, os meios iniciais para que, após uma longa trajetória de conscientização e luta, se organizem e se tornem capazes de “governar” aqueles que os governam. [...] a escola deve ser “capaz” de levar os indivíduos das mais diferentes classes sociais, sobretudo das classes subalternas, a uma condição de esclarecimento e de conhecimento de seus direitos. (MOCHCOVITCH, 1992, p. 7)

Gramsci não nega a função reprodutora da escola. Mas seu pensamento tem um compromisso com a modificação da sociedade, e ele procura olhar para a escola como sendo uma instituição que, é verdade, lança o conformismo e o sufrágio, mas, dentro de certas condições, pode trazer um esclarecimento que contribua para ascensão cultural das classes menos favorecidas e até mesmo da sociedade em geral.

Cada componente de uma sociedade está imerso em um mundo objetivo e natural, mas também está mergulhado em um mundo cultural e de significados. Para Gramsci, este corpus de conceitos, de valores e de representações tais como a língua, tem uma função muito positiva que é desenvolver na coletividade um cimento unificador. Para ele, estes valores, conceitos e representações constituem a ideologia que afiança a união social. Gramsci exige da escola que desvele, especifique, organize, trabalhe essa ideologia que é o conjunto de conceitos e valores, o conjunto de representações que uma dada sociedade histórica tem e que todos os membros dessa sociedade partilham espontaneamente no domínio do senso comum, mas que é preciso, através do investimento pedagógico, da dialética pedagógica, de partilhar de uma maneira esclarecida, ou seja, que nós tomemos consciência dos valores que presidem a nossa organicidade social, que é isso que concretiza as relações das pessoas. A educação e, por conseguinte a escola e o currículo, são intercessões para que essa ideologia seja difundida, seja partilhada, que é um trabalho que já começa na família, é um processo que é espontâneo, que atravessa a própria convivência social, mas que, se sistematiza na escola. A escola é, portanto:

[...] não apenas aparelho ideológico mas, principalmente, instrumento de hegemonia, um dos espaços da sociedade civil onde se opera a luta hegemônica. [...] A significação social da educação está em sua direta relação com as formas de organização da sociedade, ou seja, com a política. [...] A escola tem uma função sócio-política definida como organismo cultural a serviço dos grupos dirigentes a ela compete a elaboração dos diversos tipos de intelectuais. (SAMPAIO, 2007, p.92)

A educação deve consolidar, sistematizar e reproduzir a ideologia, mas também fazer a crítica desta ideologia, tornando emancipadora a práxis

de cada um, melhorando as condições reais da existência da humanidade. Gramsci insiste que, uma das tarefas da educação é fazer as pessoas compartilharem esta cosmovisão, esta ideologia. Por outro lado, deve promover a crítica desses valores e conceitos quando estes estiverem molestando a ação histórica dessa sociedade, estabelecendo assim a contra ideologia.

Para Gramsci, a educação sistematizada e a educação institucionalizada tem esse papel de disseminar a ideologia vigente nessa sociedade histórica para assegurar exatamente essa participação de todos os membros dessa sociedade, mas também cabe a essa educação criticar esta ideologia, porque esta vai se impregnando também de elementos prejudiciais, elementos que, ao invés de garantir a construção da autonomia do sujeito, para que ele participe como sujeito autônomo e livre de sua cultura, isto é feito as vezes de forma dominadora, e aí nós encontramos o primeiro sentido marxista de ideologia que são aqueles valores e representações impostos pelos grupos hegemônicos da sociedade e conseqüentemente que não levam a libertação e a construção da autonomia, muito ao contrário, levam a opressão, a demonização de uns pelos outros. Por isso que a educação de modo geral e, conseqüentemente a escola precisam investir também na construção de uma contra ideologia. Isso quer dizer uma crítica àqueles elementos da ideologia vigente que são contraproducentes, que oprimem os indivíduos, e que não os permite se realizar como pessoas autônomas.

Para Gramsci, [...], a formulação de uma proposta para a educação que integre um programa político em direção à igualdade social é referência para a crítica às desigualdades produzidas pelo sistema capitalista e que se exprimem nas diversas instâncias da sociedade e da cultura, como também na escola. Refere-se à luta pela unificação do ser humano como possibilidade de realização, como devir. (DORE, [200-?])

Isso nos leva e pensar, qual a concepção de educação para nós, qual a natureza do ato educativo e o papel da escola nesse processo. É comum vermos hoje o discurso de que “a família educa e a escola ensina”, porém, ao adentrarmos no âmbito da educação podemos perceber que, segundo alguns teóricos, essa distinção não condiz com a realidade. O processo educativo é uma totalidade, não se dá de forma isolada, podemos distinguir níveis, enfoques, graus e aspectos para podermos analisa-lo melhor, porém é importante que saibamos que não somos livres para receber a educação que queremos, visto que, desde nosso nascimento somos influenciados pelo meio em que vivemos, família, igreja, bairro e também e não menos importante, a escola. Somos educados por “ideias e comportamentos que ultrapassam nossa consciência das coisas” (PAVIANI, 1991, p. 11). A vida e a educação se confundem uma vez que esta faz parte daquela em todos os âmbitos de nossas vidas. Nesse sentido,

A educação, o ensino e a aprendizagem, no plano concreto, não acontece de modo isolado, anterior ou posterior aos demais fenômenos, como o econômico, o social, o cultural, etc. Vida e educação se entrelaçam, se fundem, se confundem. Ao dividir a realidade em estratos, estamos apenas usando um recurso intelectual que visa a explicitar melhor os fenômenos. (Ibidem, p. 22)

A educação passa de geração em geração, está inserida como dissemos, em todos os âmbitos de convívio social sendo a escola apenas um desses lugares. Nesse sentido

Situada concretamente no contexto das relações sociais, a educação é um aspecto necessário à organização da vida estatal; é uma manifestação das relações de hegemonia que perpassam a vida coletiva [...] A educação é um aspecto essencial à organização da vida social, atua não apenas no nível de constituição das representações do mundo, mas também (com igual relevo) na produção material da existência coletiva, na medida em que é expressão das exigências situadas na dimensão político-econômica (SAMPAIO, 2007, p. 91).

Desse modo, a escola é o instrumento, por meio do qual, o Estado, através de um programa pedagógico, e da qualificação dos vários tipos de profissionais visando atender não só as necessidades surgidas com o desenvolvimento técnico-científico, mas, principalmente às exigências postas pelo mundo do trabalho. A escola não é somente aparelho ideológico, mas também, instrumento de hegemonia (SAMPAIO, 2017 p. 92). O Estado é responsável, por grande parte, da educação das classes mais pobres da sociedade, assim, a ideologia transmitida nas escolas destinadas ao acolhimento desses indivíduos é a ideologia de quem domina tal Estado.

É necessário apontar que o aparato escolar desenvolvido pelo modo de produção capitalista se configura ideologicamente não só em função dos componentes explicitamente - tematicamente- ideológicos que compota, mas também por que cria e consolida um marco de cisão onde a alienação da força de trabalho é um fato natural. A educação não se produz somente no seio das disciplinas “não uteis” que possam ser divididas nas matérias chamadas humanísticas, mas, muito especialmente, na organização de todo o sistema.

Todos os socialistas utópicos acreditam na educação como forma de transformação, como um instrumento capaz de modificar a realidade das classes trabalhadoras. A emancipação, tão destacada por autores marxistas que tratam do tema educação, sua condição de classe oprimida e sua libertação do julgo das classes opressoras só poderia se dar, quando tal emancipação alcançasse todos os níveis da vida dos indivíduos, entre eles o da consciência. Desse modo “somente a educação, a ciência e a extensão do conhecimento, o desenvolvimento

da razão, pode conseguir tal objetivo” (MORAES, 1983, p. 3).

Para Karl Marx (1818-1883), a educação era parte da superestrutura de controle usada pelas classes dominantes. Por isso, ao aceitar as ideias passadas pela escola a classe dos trabalhadores cria uma falsa consciência, que a impede de perceber os interesses de sua classe. A divisão do trabalho, paralela ao processo de fundação do modo de produção capitalista, é a linha sobre a qual Marx e Engels (1820-1895) fazem suas colocações em torno do tema educação e ensino. Os autores fazem uma divisão radical entre os tipos de atividades e os tipos de aprendizagem, prolongando-se numa divisão social e técnica que interfere no desenvolvimento do indivíduo e constitui, como destaca Moraes (MORAES, 1983 p. 4) o ponto chave dessa trama em que se determina a exploração dos trabalhadores.

A educação é, o modo pelo qual a sociedade capitalista transmite, estabelece e reproduz seu “estilo de vida, não só a massa de trabalhadores, mas, a todos os indivíduos das classes sociais que formam tal sociedade. A escola reproduz, o sistema dominante, não só ideologicamente, mas também no âmbito técnico, intelectual e produtivo. Através da educação a sociedade se adequa a condição de existência e de convívio entre indivíduos, formando de tal modo, as novas gerações e moldando a sociedade

Assim, podemos dizer que o indivíduo é obra da sociedade e a sociedade obra do indivíduo. No livro, *Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Introdução*, Marx enfatiza que: “o homem não é um ser abstrato, acorrido fora do mundo. O homem é, de fato, o *mundo do homem*, o Estado, a sociedade. ” (MARX, 2010, p.30). O homem é um ser consciente que transcende o limite de sua constituição natural, pois não tendo uma natureza imutável, constitui-se através do trabalho. Sendo o trabalho a atividade vital do homem, este participa de uma interatividade social, não é o indivíduo isolado em si pregado pelo neoliberalismo, é no trabalho que o homem evidencia sua diferença em relação ao animal. O homem, para Marx, nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, faz da sua atividade vital propriamente objeto de sua vontade consciente, produzindo assim, a si mesmo, ao outro homem e a sociedade:

O homem produz o homem, a si mesmo e ao outro homem; assim como [produz] o objeto, que é o acionamento (Beätigung) imediato da sua individualidade e ao mesmo tempo a sua própria existência para o outro homem, [para] a existência deste, e a existência deste para ele. [...] O indivíduo é o *ser social*. Sua manifestação de vida – mesmo que ela também não apareça na forma imediata de uma manifestação *comunitária* de

vida, realizada simultaneamente com outros – é por isso uma externalização e confirmação da *vida social*. (MARX, 2010, p. 106-107).

Não devemos esquecer que, a categoria “trabalho” é o ponto central e ontológico dos escritos de Marx. É nessa categoria que, independente das circunstâncias históricas, se dá o processo de formação humana e conseqüentemente o processo educativo, uma vez que, não se dissocia educação de trabalho ou mesmo da vida cotidiana dos indivíduos. O trabalho é também, meio para analisar a classe burguesa e seus interesses em relação a formação dos indivíduos (trabalhadores) da sociedade, visto que essa classe determina os direitos e deveres dos membros de toda a comunidade em que está inserida. No Estado moderno, podemos dizer que a generalidade e a universalidade do homem se localiza na cidadania, o indivíduo é reconhecido, portanto como cidadão, como universal, porém essa universalidade encontra-se abstraída da existência real e particular do indivíduo. Diz Marx (2010, p.40), na sua obra *Sobre a Questão Judaica*:

Onde o Estado político atingiu a sua verdadeira forma definitiva, o homem leva uma vida dupla não só mentalmente, na consciência, mas também na realidade, na vida concreta; ele leva uma vida celestial e uma vida terrena, a vida na comunidade política, na qual ele se considera um ente comunitário, e a vida na sociedade burguesa na qual ele atua como pessoa particular, encara as demais pessoas como meios, degrada a si próprio à condição de meio e se torna um brinquedo na mão de poderes estranhos a ele.

O indivíduo é, portanto, um produto da sociedade, e também a produz, coprodutor de si e dos meios sociais. Em uma sociedade capitalista, que visa apenas o lucro, os indivíduos devem ser instruídos para estarem de acordo o que essa sociedade exige, assim, a educação deve ser voltada para o isolamento de cada indivíduo. Marx e Engels, procuram fugir de colocações abstratas quando se trata de educação, pois, quando abordam o tema em seus escritos, fica claro que estão preocupados com a educação da classe operária.

A situação que lhes interessa, como dissemos, é a dos trabalhadores, o modelo que pensam é o de uma estrutura onde os trabalhadores tenham a hegemonia, onde desapareça a divisão do trabalho que é uma das premissas para a separação do indivíduo de si e dos outros, possa desaparecer trazendo assim mais autonomia ao indivíduo. A crítica feita por Marx em relação a educação está baseada no fato de que o capital se apropria da força de trabalhos dos indivíduos, que gera a mais-valia e assim o lucro, portanto, toda força de trabalho deve estar em condições de gerar tais lucros. Este estar apto para gerar lucros é obtido através da qualificação com o ensino adequado.

O sistema de ensino é entendido assim como uma concreta qualificação da força de trabalho que alcançará seu aproveitamento máximo se conseguir também o ajuste e a integração dos indivíduos no sistema – única maneira de não desperdiçar sua força de trabalho, mas sim, aproveitá-la. Dito de outra forma: reproduz o sistema dominante tanto a nível ideológico quanto técnico e produtivo. (MORAES, 1983, p.7)

A qualificação da força de trabalho encaminha-se para o sistema de produção; a educação ideológica que atura o que explicitamente lhe é superposto em especial nos primeiros níveis do sistema escolar, as quais são atacadas duramente por Marx e Engels, pois, na educação para a formação da força de trabalho, nada de próprio sobra ao indivíduo, a partir da escola, o homem aliena-se de si e dos outros, e instigado desde cedo a competir e dar o melhor de si, muitas vezes em tarefas mecânicas e sem muito espaço para pensar. Tal educação suprime o indivíduo de si mesmo.

Encarar o indivíduo como parte de uma sociedade é admitir que ele é parte criadora de seus próprios meios de existência e da sociedade em que vive e admitindo que isso se dá através da educação, na III Tese sobre Feuerbach, fica claro o pensamento de Marx (2007, p.537-538) sobre o tema:

A doutrina materialista de que os homens são produto das circunstâncias e da educação, de que os homens modificados são, portanto, produtos de outras circunstâncias e de uma educação modificada, esquece que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador tem que ser educado.

Diferentes modos de idealizar a educação conjeturam distintos modos de ver o homem no mundo. Por esse motivo, entender uma teoria educacional carece de uma apreensão dialética das relações entre as ideias e a realidade que aí está posta, entre aquele que educa e o que é educado. Se, por um lado o homem pode ser visto como “produto das circunstâncias” e conseqüentemente da educação que recebe, tais circunstâncias são também, como afirma Marx, modificadas e por isso, não só o educando precisa ser educado (PAVIANI, 1991, p. 23). Por tanto, podemos trazer à tona o questionamento de como pensar a prática por meio da teoria. O educador é quem, tem a possibilidade de lançar luz aos educandos, de fazer com que estes despertem para o processo educativo de forma crítica e não alienada. Para tanto, é preciso que possa haver uma transformação da escola e do próprio processo educativo, com a possibilidade de o educador refletir suas práticas e possibilitar a libertação dos estudantes do julgo de uma sociedade opressora e que desumaniza o homem.

A educação, as ciências, o ensino, a aprendizagem bem como a escola, não são sistemas autossuficientes e isolados, muito pelo contrário, são

construções culturais geradas pelos modos de produção, de maneira geral, pelos interesses não só sociais, mas individuais também. Desse modo, é importante que, se pense numa educação voltada para a formação dos indivíduos de forma a emancipá-los das condições subalternas e de alienação em que vivem. É possível, através de uma ação transformadora e de uma conscientização da massa trabalhadora. Tal emancipação. Nos escritos sobre educação não só de Marx e Engels, mas de autores marxistas como Gramsci, podemos perceber a intensão de dar aos indivíduos as condições necessárias para que estes possam evoluir do estado de subalternos para uma superação de classes.

Deste modo, fica claro a preocupação de Marx não só com o indivíduo, mas também com sua formação para que este possa reproduzir não uma ideologia que aliena e transforma o homem em mera peça de um maquinário ou uma célula de um sistema de produção. A preocupação de Marx é a luta pela transformação, contra o caráter ideológico que possui a estrutura do sistema capitalista. A relação entre divisão do trabalho e a educação não é uma mera proximidade, tampouco uma simples consequência, é uma articulação profunda que explica com toda clareza os processos educativos e manifesta os pontos em que é necessário pressionar para conseguir sua transformação, alcançando, a partir daí, não só uma emancipação social, mas também, e de forma especial, a emancipação humana. O indivíduo para Marx não é mera peça, é o criador da sociedade e como tal deve ter consciência de si para lutar por um mundo melhor.



## REFERÊNCIAS

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: editora UNESP, 1999.

DORE, Rosemary. Gramsci e o debate sobre a escola pública no Brasil. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 329-352, set/dez. 2006.

PAVIANI, Jayme. Problemas de Filosofia da Educação. Petrópolis: Vozes. 1991.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel**. Introdução. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX e ENGELS. **Textos Sobre Educação e Ensino**. São Paulo: Moraes, 1983.

MOCHCOVITCH, Luana Galano. **Gramsci e a Escola**. 3ªed. São Paulo: Ática, 1992.

SAMPAIO, Wilson Correia. **Gramsci: política e educação**. Maceió: EDUFAL, 2007.

